



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1259

O GENE EGOÍSTA E SUAS INFLUÊNCIAS A PARTIR DA PERSPECTIVA DE RICHARD DAWKINS

Maria Helena Azevedo Ferreira (UEM/LERR)
Orientadora: Vanda Fortuna Serafim (UEM/PPH/LERR)

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo analisar como o biólogo Richard Dawkins empreende uma auto-reflexão acerca do processo de escrita de sua primeira obra *O gene egoísta* (2007), para isso tomaremos enquanto fonte sua autobiografia *An appetite for wonder: the making of a scientist* (2013). Nesta obra, entre outras temáticas, Dawkins realiza uma apresentação sequencial dos fatos que para ele se mostraram relevantes para a escrita de seu livro. A partir disso, notamos que o autor atribui uma ênfase especial no que diz respeito a circulação de ideias entre intelectuais, assumindo relevância de determinadas questões na elaboração de *O gene egoísta* (2007). Partindo dessas reflexões, Dawkins percebe-se enquanto sujeito influenciado e influenciador e com base nisso constrói uma narrativa sobre si e sua produção. Para problematizar essa construção narrativa operacionalizaremos as considerações de Pierre Bourdieu (2005) acerca da produção biográfica. Além disso, com o intuito de teorizar a respeito da dinâmica das ideias presentes no discurso de Dawkins partimos das considerações de Edgar Morin (2005). Por fim, compreendendo o espaço de produção dessas ideias, também utilizaremos o conceito de “campo científico” elaborado por Pierre Bourdieu (2004).

Palavras-chave: Richard Dawkins; biografia; intelectualidade.

Financiamento: CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Em sua autobiografia, intitulada *An appetite for wonder: the making of scientist* de 2013, Richard Dawkins revela detalhes de sua vida pessoal e de sua família, desde a infância na África, até o sucesso de seu primeiro livro *O gene egoísta* de 1976. Dawkins, cujo pai era membro da *King's African Rifles* no Quênia, em missão no continente africano e sua mãe era uma dona de casa, viveu somente até os oito anos na África, quando sua família mudou-se para o Inglaterra, onde sempre teve uma educação rígida em colégios internos.

Dito isso, podemos pontuar brevemente como se sucedeu o processo de escrita do primeiro livro de Richard Dawkins *O gene egoísta*, publicado originalmente em 1976. Neste sentido, nos centraremos a apresentar quais foram os principais

pensadores que influenciaram a construção de sua obra, a partir das declarações do próprio Dawkins em sua autobiografia. Tal opção de análise não tenciona excluir as experiências as quais se apresentam de forma implícita e inconsciente no discurso de Dawkins, mas nos atentamos a perceber como o cientista constrói uma auto-reflexão neste quesito.

Se tratando do processo de escrita de seu primeiro livro, Dawkins conta que devido a uma crise de energia na Inglaterra em 1973¹, ocasionada por uma greve dos mineiros, ele teve de interromper suas pesquisas laboratoriais, que dependiam da eletricidade. Desse modo, Dawkins aponta que egoísmo e altruísmo eram temas recorrentes na comunidade acadêmica do período, sendo largamente discutida na década de 1960. Nesse período estava em voga uma teoria chamada de *evolutionary panglossism*, a qual Dawkins refuta terminantemente, pois, segundo ele, essa teoria, que se remete a uma abordagem darwinista, entende que as espécies se desenvolvem a partir de seu design adaptável ao ambiente, ou seja, sua reprodução, assim como a sua manutenção, dependeria da forma com que seus fenótipos respondessem a determinado meio.

A crítica de Dawkins com relação a essa teoria é de que a seleção natural darwinista, não pode prever sob a arquitetura do fenótipo da espécie o que é necessariamente bom para ela, isto quer dizer que o modo como um indivíduo se apresenta na natureza não pode ser previsto. Assim, a objetivo de Dawkins quando ele escreve o gene egoísta é refutar tal teoria. (DAWKINS, 2013)

Para Dawkins a seleção natural é um processo mecânico, ela não pode prever o tipo de ambiente em que o indivíduo está inserido, mas sua função principal é favorecer os interesses egoístas dos indivíduos que potencialmente podem passar

¹No prefácio do *O gene egoísta* da edição de 1989, Richard Dawkins diz: “Comecei a escrevê-lo em 1972, num momento em que os cortes de eletricidade, resultantes de conflitos na indústria, provocaram uma interrupção nas minhas pesquisas laboratoriais.” (DAWKINS, 2007, p.24). Entretanto, em sua autobiografia ele aponta: “In 1973, strike actions by National Union of Mineworkers led to a crisis in which the Conservative government of Edward Heath imposed so-called ‘three-day week’ in Britain. [...] My cricket research depended on electricity [...] So I decided to call a temporary halt to my cricket research and begin work on my first book. This was the Genesis of *The Selfish Gene*.” (DAWKINS, 2013, p.259) (Em 1973, as ações de greve do Sindicato Nacional dos Mineiros levaram à uma crise na qual o governo conservador de Edward Heath impôs os chamados ‘three-dayweek’ na Grã-Bretanha. [...] Minha pesquisa dependia da eletricidade [...] Então eu decidi suspender temporariamente minha pesquisa e começar a trabalhar em meu primeiro livro. Esta foi a gênese de *O Gene Egoísta*). Acreditamos que a disparidade das datas apresentadas, intencional ou não, não interferem em grande medida para os objetivos de nossa análise, contudo, optamos por manter “1973”, por aparecer na publicação mais recente de Dawkins.

pelo *generational filter* e sobreviver no futuro. Com isso, Dawkins desenvolve em seu primeiro livro a ideia de “máquina de sobrevivência”, que diz respeito aos organismos individuais, que carregam em si os genes. Para o autor, esses genes são imortais, pois eles passariam de geração para geração, de organismo para organismo, independentemente das espécies. A seleção natural, portanto, não favoreceria determinadas espécies, se desligaria inclusive da seleção de grupo. Além disso, a seleção natural, sob a perspectiva dos genes que Dawkins professa, tem como prerrogativa a imortalidade do gene:

“Os indivíduos não são estáveis, são passageiros. Os cromossomos também caem no esquecimento pelo baralhamento, como as cartas de um jogador logo depois de serem carteadas. Mas, as cartas em si sobrevivem ao baralhamento. Elas são os genes. Estes não são destruídos pela recombinação, simplesmente trocam de parceiros e continuam em frente. Evidentemente continuam, esta é sua profissão. Eles são os replicadores e nós suas máquinas de sobrevivência. Quando cumprimos nossa missão somos postos de lado. Mas os genes são habitantes do tempo geológico: são para sempre.” (DAWKINS, 2007, p. 88-89).

Já em meados da década de 1960, quando Dawkins realizava sua pós-graduação, ele já tinha a convicção de que os genes eram imortais e não que a persistência de certas espécies estava ligada somente a sua adaptabilidade em seu ambiente. Em seu primeiro livro, partindo do pressuposto da imortalidade dos genes, são articuladas as noções de egoísmo e altruísmo da seguinte forma: os organismos, ou as espécies, são como veículos condutores responsáveis pela manutenção dos genes, esses organismos, tomando atitudes egoístas com intuito de sobrevivência individual, fazem com que os genes passem de geração em geração. A cooperação ou altruísmo, nesse sentido, ocorre no nível dos genes, onde um agiria em cooperação do outro em favor da constituição dos corpos em que os genes idênticos a ele estão presentes². (DAWKINS, 2013)

² A concepção de que os genes são imortais e que os organismos individuais agem de modo egoísta, defendendo sua própria vida, favorecendo, assim os genes, faz parte da corrente do neodarwinismo ortodoxo, posição que ele partilha com biólogos como George C. Williams e William D. Hamilton. Esse neodarwinismo ortodoxo foi formalizado na década de 1930, por pensadores como R. A. Fisher, J. B. Haldane e Sewall Wright, Dawkins afirma também ter recebido influências de Ernst Mayr, Theodosius Dobzhansky, George Gaylord Simpson e Julian Huxley. (DAWKINS, 2013)

Podemos encontrar semelhanças no que diz respeito à ligação de Dawkins com a Síntese Moderna³, que se atem a pensar a evolução das espécies, como um produto da relação de seus genes, Dawkins se utiliza dessas prerrogativas para expor sua ideia e mais do que isso consegue fazer com essas concepções abrissem caminho para que ele abordasse a questão do que ele conceitua enquanto “memes”, termo cunhado na segunda edição de sua obra, que como os genes seriam responsáveis pela transmissão de características, mas abordariam a reprodução de comportamentos sociais. Com relação a isso Dawkins aponta:

“Como um darwinista entusiasta, não tenho ficado satisfeito com as explicações do comportamento humano sugeridas por meus colegas, os quais partilham desse meu entusiasmo. Eles tentaram encontrar "vantagens biológicas" nos diversos atributos da civilização humana.[...] Não raro, o pressuposto evolutivo em cujos termos essas teorias são concebidas é implicitamente do tipo seleção de grupo, mas é possível reformular as teorias em termos de seleção genética ortodoxa. O homem pode muito bem ter passado boa parte dos últimos milhões de anos vivendo em pequenos grupos familiares. A seleção de parentesco e a seleção a favor do altruísmo recíproco podem ter atuado sobre os genes humanos para produzir muitos de nossos atributos e tendências psicológicas básicos. Tais idéias são plausíveis até certo ponto, no entanto penso que elas não chegam a fazer frente ao enorme desafio de explicar a cultura e sua evolução, bem como as acentuadas diferenças existentes entre as diversas culturas humanas ao redor do planeta [...] Penso que devemos começar de novo desde o princípio, retornando aos princípios elementares. O argumento que desenvolverei,[...] é que, para compreender a evolução do homem moderno, devemos começar por abandonar a idéia do gene como a única base de nossas idéias a respeito de evolução. Sou um adepto entusiasmado do darwinismo, mas penso que se trata de uma teoria demasiado ampla para ficar confinada ao contexto limitado do gene. O gene entrará na minha teoria como uma analogia, e nada mais.” (DAWKINS, 2007, p. 328-329)

³A síntese moderna foi fundamentada pelo geneticista Theodosius Dobzhansky na década de 1930. A partir de suas experiências com moscas da fruta selvagens, assim ele viajou a vários países analisando a composição genética dessas moscas, ele descobriu, diferentemente do que se acreditava na época, que seus genes eram completamente diferentes do das moscas da mesma espécie encontrada em diferentes países. Sendo assim, os genes lhe pareceram um fator fundamental no que diz respeito a reprodução das moscas, pois entre indivíduos da mesma espécie de locais diferentes não era possível eu houvesse reprodução efetiva, pois existiam fatores genéticos que limitavam esse fato. Neste sentido, as mutações genéticas, que ocorrem entre as espécies se tornam um fator fundamental para a variabilidade, já que esses indivíduos, portadores de genes mutantes, só conseguirão se reproduzir com outro indivíduo que corresponde a aquela mutação, isso gera a criação de novas espécies. Esta descoberta genética foi fundamental para que alguns pensadores darwinistas, posteriormente neodarwinistas, pudessem acrescentar a perspectiva dos genes em suas concepções, imputando essa dinâmica a teoria da seleção natural de Darwin. Extraído de: <http://www.ib.usp.br/evosite/history/modsynth.shtml> acesso em: 18/01/2015

Essa analogia empregada por Dawkins permite que ele articule tanto o gene, quanto meme, como replicadores que “calculam” sua preservação e a propagação. Neste sentido, Dawkins coloca que teve a inspiração de quatro pensadores: os biólogos evolutivos estadunidenses Robert Trivers e C. G. Williams; como também os britânicos John Maynard Smith e W. D. Hamilton. Assim, a inspiração que Dawkins com relação a esses pensadores, está presente a vários quesitos no decorrer do *O gene egoísta*.

Um exemplo de inspiração advinda de Trivers fundamenta-se na tese do estadunidense de *Parental Investment* ou PI. O biólogo aponta que na relação entre pais e filhos de uma determinada espécie, existem custos que são despendidos pelos pais com relação à sua prole, ou seja, fornecimento de alimento e cuidados, no momento em que é necessário que a mãe se desprenda do seu filho há um conflito de gerações. Esse ponto da teoria de Trivers vai ser uma das guias pelas quais Dawkins vai escrever o capítulo oito do *O gene egoísta*, intitulado “O conflito das gerações”(DAWKINS, 2013). Neste capítulo Dawkins vai se ater a pensar a questão de como uma mãe dispõe de recursos até certo ponto ao seu filhote, “calculando” até que ponto este seja protegido e alimentado de forma “justa”, por outro lado esse filhote, composto por genes que em si são egoístas, entra em uma disputa com seus irmãos, tanto os nascidos quanto os que ainda estão por vir, para que este consiga o maior número recursos possíveis de sua mãe, que do ponto de vista da perpetuação genética, estabelece limites para que seus meios não se esgotem tanto para com seus outros filhos, quanto para a ninhada que está por vir. (DAWKINS, 2007)

Dawkins, também admite a inspiração nas ideias de Trivers nos capítulos nove e dez: “A guerra dos sexos” e “Uma mão lava a outra?”, respectivamente. No capítulo nove ele trata de como fêmeas e machos, competem, em uma ação egoísta, para a transmissão de seus genes em sua prole, já no capítulo dez Dawkins argumenta que como comportamentos aparentemente altruístas por parte dos indivíduos, nada mais são do que a ação dos genes que se utilizam dessa “cooperação” para se perpetuarem.

O autor aponta ainda outro exemplo de inspiração de C.G Williams, que são encontradas em alguns capítulos, como por exemplo, o capítulo três intitulado “Espirais imortais”, no qual Dawkins se utiliza da definição de Williams de gene: “Um

gene é definido como qualquer porção de material cromossômico que, potencialmente, dura um número suficiente de gerações para servir como unidade de seleção” (DAWKINS, 2007, p.79). Também podemos encontrar referências à W. D. Hamilton em seu livro, no que diz respeito à construção da ideia da existência de genes egoístas que prezam pela manutenção de sua imortalidade, onde encontramos várias referências às suas ideias especialmente nos capítulos cinco: “Agressão: a estabilidade e a máquina egoísta” e seis: “O parentesco dos genes”.

O quarto herói declarado do *O gene egoísta* é J. Maynard Smith, que é considerado por Dawkins como inspiração para dar continuidade ao seu primeiro livro. A crise de energia na Grã-Bretanha, que foi um dos fatores que incentivou Dawkins a escrever seu primeiro livro, abrandando-se em 1974. Com isso, Dawkins que já havia escrito o primeiro capítulo, resolveu engavetá-lo, para retornar à sua pesquisa inicial, apesar do episódio no qual um editor da editora *Allen & Unwin*, em visita ao Departamento de Zoologia da Universidade de Oxford, teria lido seu capítulo e o encorajado a continuar a escrever.

Contudo, ele aponta que resumiu sua pesquisa anterior ao entrar em contato com as ideias de Smith, que começaram a surgir no início da década de 1970, que foram consideradas por Dawkins compatíveis com a tese central de *O gene egoísta*. Resumidamente, Dawkins aponta que Smith e seus colegas desenvolveram a *mathematical theory of games*, que buscava entender problemas matemáticos relativos às frequências de comportamentos animais, para assim buscar compreender o porquê destes comportamentos e com isso traçar um panorama que permitisse entender as estratégias “conscientes” para a sobrevivência. Dawkins, aplicando essa perspectiva em sua tese do gene egoísta, procurou entender como grupos rivais aplicam sua estratégia para favorecer os seus genes. (DAWKINS, 2013). Dawkins explica que os estudos de Maynard Smith, juntamente com as ideias de Trivers foram essenciais para que ele reavivasse seu interesse nas concepções de Hamilton e voltasse a escrever seu livro em 1975:

“I won't expound evolutionary game theory any further here because I did that in *The Selfish Gene*, and the same applies to Trivers' ideas on parental investment. Here it is sufficient to say that the publications of Trivers and Maynard Smith in the early 1970s rekindled my interest in the ideas of Hamilton that had inspired me in the 1960s, and moved me to return to the book whose first chapter had slumbered in a drawer since the end of power strikes. Maynard

Smith's game-theoretic ideas dominated the chapter on aggression, and inspired my treatment of many topics in later chapters."⁴ (DAWKINS, 2013, p.274)

Além demonstrar surpresa quando seu livro tornou-se um best-seller poucos meses após sua publicação, Dawkins também se debruça a compreender se sua infância na África teria contribuído para que ele viesse se tornar um biólogo, com relação a isso ele aponta: "I'd like to answer yes, but I'm not confident"⁵ (DAWKINS, 2013, p.287). O cientista diz que saiu da África quando tinha apenas oito anos de idade entendendo, portanto, que suas experiências que teve em sua infância foram importantes, mas não essenciais para formar o seu pensamento. Dawkins acredita que é uma questão de trajeto, ou seja, suas influências e suas escolhas o fizeram a pessoa que ele é atualmente. (DAWKINS, 2013)

A partir da própria apreensão de Dawkins com relação as suas influências que o auxiliaram para escrever *O gene egoísta*, elencamos a discussão de Edgar Morin (2005), no que se refere à dinâmica das ideias. Para Morin, as ideias são constituídas de realidade, no sentido que estas adquirem autonomia ao serem produzidas pelo espírito humano. Por ideias, o autor entende um sistema complexo constituído de mitos, filosofias e concepções, que nascem do próprio espírito, se tornando produtos e instrumentos do conhecimento. (MORIN, 2005)

Morin recorre a Karl Popper, para esclarecer o que ele entende enquanto mundo das ideias. Assim, para Popper o mundo é também "constituído pelas coisas do espírito" que são as ideias, neste sentido elas ganham autonomia, garantindo uma existência própria. Morin abarca esse último conceito para explicar sua noção de noosfera, que segundo ele seria um espaço, produto de todos os processos de conhecimento, que formuladas ganham autonomia para estabelecer ligações ou afastamento uma das outras.

Entre essas ideias constituídas em forma de noosfera e os homens há uma relação simbiótica, na medida em que os seres humanos criam as ideias que depois

⁴ Eu não vou expor a teoria *evolutionary game theory* ou qualquer outra aqui, porque eu fiz isso em *O Gene Egoísta*, e o mesmo se aplica às idéias Trivers sobre o investimento parental . Aqui, é suficiente dizer que as publicações de Trivers e Maynard Smith no início de 1970 reacenderam meu interesse nas idéias de Hamilton , que tinham me inspiram nos anos 1960, e fui movido à voltar ao livro cujo primeiro capítulo dormia em uma gaveta desde o final de greves de energia. As ideias de *game-theoretic* de Maynard Smith dominou o capítulo sobre a agressão, e inspirou o meu tratamento de muitos dos temas em capítulos posteriores.

⁵ Eu gostaria de responder que sim, mas eu não estou confiante.

vão influenciá-los, dessa forma, podemos “viver e morrer por uma ideia” (MORIN, 2005, p.147). Neste sentido, a noosfera serviria como mediadora entre nós e o mundo exterior, sendo as ideias produto dessa relação.

Ao produzir um discurso as concepções expostas por Dawkins, assim como suas influências, ganham espaço na noosfera. Dawkins ao considerar o darwinismo enquanto modelo que permite diferentes ângulos de visão, imputa a ela a dinâmica dos genes, fazendo com que além disso, ela se constitua enquanto uma teoria ampla, capaz de se enquadrar no plano cultural, onde os genes presentes na teoria original ganham um análogo: o meme. Assim como a articulação do conceito de memes, Dawkins ainda se apropria das ideias de Trivers, Hamilton, C. G. Williams, Maynard Smith e outros, para compor ideias como a de “máquinas gênicas”, “veículos”, “replicadores”, para estruturar sua tese. Essas ideias, que pairam na noosfera, são utilizadas e resignificadas na preleção de Dawkins.

Tal dinâmica pode ser entendida com base no conceito de “seres noológicos”, na medida em que seu discurso e a forma como ele se manifesta é um dos diversos seres que povoam a noosfera. Morin divide esses seres em dois grandes grupos: o primeiro de caráter mais mitológico, onde estão inseridos deuses, espíritos e gênios, neste âmbito podemos compreender a religião. A segunda grande entidade comporta o sistema de ideias, como as doutrinas, teorias e filosofias, dado o nosso objeto de estudo, nos atentaremos para o segundo grupo, para o qual Dawkins está voltado. Assim este sistema de ideias é conceituado por Morin:

“Todo sistema de ideias é simultaneamente fechado e aberto. É fechado porque se protege e defende contra as degradações ou agressões externas. É aberto porque se alimenta de confirmações e verificações vindas do mundo exterior.” (MORIN, 2005, p. 158)

Esse sistema de ideias pressupõe a defesa desse núcleo das teorias científicas, desencadeando dispositivos que serão responsáveis pela sua intercessão. Situando-se dentro do seu próprio universo, ou seja, procura ser detentor da verdade, ocupando sozinho este espaço. Neste processo, compreendemos que a construção da postura teórica de Dawkins, assim como dos pensadores aos quais ele se remete, da seguinte forma: primeiramente observamos a existência de um núcleo determinador de regras, neste quesito podemos salientar o fato de que Dawkins empreende uma relação simbiótica entre seus pares que

professam o darwinismo, quer seja afastando-se ou aproximando-se deles. Essa relação de certo modo conflituosa é regida pelos preceitos professados por Darwin, que para estes inaugura a forma mais plausível de pensar a variabilidade de espécies.

Ao ganhar corporeidade e aceitação entre os cientistas, a teoria darwinista se mune de instrumentos de legitimação, para afastar aquelas teorias que neguem que a dinâmica que desencadeou a diversidade não seria causada pela evolução. Em um trecho apresentado em *Deus, um delírio*, Dawkins confirma qual seria seu princípio de verificação, baseada na crença na evolução das espécies e ao mesmo tempo, remete-se a uma característica fundamental de um sistema de ideias, que é a capacidade deste de absorver novas concepções, desde que não modifiquem o núcleo de regras:

“As verdades da evolução, junto com muitas outras verdades científicas, são fascinantes e belas que é realmente trágico morrer tendo perdido tudo isso! É claro que isso me inflama. Como não inflamaria? Mas minha crença na evolução não é fundamentalismo, e não fé, porque sei o que seria necessário para mudar de idéia, mudaria satisfeito se fossem apresentadas as evidências necessárias.” (DAWKINS, 2007, p.364)

Morin argumenta que as teorias científicas estão sujeitas a modificações em seus subsistemas, conservando certa maleabilidade em sua superfície, isso segundo o autor promove a sua existência, assim essa simbiose com o exterior é fundamental para uma teoria. Dessa maneira, o darwinismo é até mesmo creditado por Dawkins como sendo “uma teoria grande demais para ser confinada ao contexto limitado do gene” (DAWKINS, 2007, p.329). Com isso, ela consegue se valer de várias interpretações dos cientistas darwinistas, sendo aplicada além do ramo biológico, mas também na vertente social.

Entretanto, apesar de sua certa flexibilidade, essas teorias possuem o que Morin chama de “potencial mitologizante”, o qual é encontrado no núcleo de tais teorias. Pela força que essas regras determinantes têm, opera-se uma transcendentalização dessas ideias mestras, pois estas adquirem autonomia de uma forma quase que inquestionável, assim é observável o mito dentro até mesmo dos sistemas que se julgam totalmente laicos e livres de uma influência religiosa em sua estrutura de pensamento. Podemos inferir tal perspectiva observando a forma com que Richard Dawkins trata a figura de Darwin e a importância, inclusive fazendo a

seguinte declaração: “Mr. Darwin, you are one of the great reasoners and one of great persuaders of all time”⁶ (DAWKINS, 2013, p.293). A partir disso, compreendemos que Dawkins confere ao darwinismo, forças determinadoras, que em si possuem esse “potencial mitologizante”.

É importante destacar que esse “potencial mitologizante” aplicado ao neodarwinismo ganha materialidade, a partir do momento em Dawkins partilha esse posicionamento com os seus pares. Com intuito de compreendermos o diálogo de Dawkins com esse meio científico, faz-se necessário compreendermos o conceito de “campo científico” de Pierre Bourdieu (2004)

Bourdieu conceitua campos como “lugares de relações de forças que implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas” (BOURDIEU, 2004, p.27), ou seja, o “campo” é um espaço simbólico, onde os “agentes” que o compõem o mesmo são simultaneamente determinados por este e também “auto-determinados”, isso quer dizer que um sujeito ao se remeter ao um sistema de pensamento, constitui o seu discurso por meio de um conjunto de leis pré-determinadas e ao mesmo tempo esse indivíduo ao reproduzir o discurso inerente a esse sistema, está em um jogo de valores no qual ele tem de se legitimar dentro desse modelo.

O campo científico, portanto, é uma estrutura objetiva a qual tende a certa autonomia na medida em que resiste as capacidades de refração, ou seja, segundo Bourdieu, quando maior for a capacidade de “refração”, ou de retradução das forças externas, de um campo maior será a sua autonomia. Em torno dessas estruturas os indivíduos não permanecem estáticos, estes estão por meio de suas descobertas em uma relação de luta, no entanto no caso do campo científico, estes sujeitos estão de acordo com relação ao sistema de verificação.

Em suma, a realidade social de um campo, neste caso o científico, é guiada por três principais panoramas: o primeiro diz respeito a posição dos cientistas em relação as camadas dirigentes, levando em consideração as disposições políticas e econômicas que a produção do conhecimento científico pode ocasionar. O segundo panorama se refere as lutas dentro deste campo, as quais interferem grupos distintos que estão em concorrência para conquistar a legitimidade. Por fim, a constituição do “habitus” o qual une as disposições dos sujeitos e da sociedade, constituindo-se enquanto uma “estrutura estruturada estruturante”, no que diz

⁶ Sr. Darwin, você é um dos maiores pensadores e um dos maiores influenciadores de todos os tempos.

respeito as suas determinações advindas do campo, estruturada por meio das inclinações subjetivas do sujeito e das objetividades do campo, e determinadora de práticas e discursos. (BOURDIEU, 2011)

As estruturas sob as quais o neodarwinismo se assenta, tem íntima ligação com as estruturas científicas, que sendo um campo, institui regras de pensamento e de verificação, imputando aos seus agentes determinadas estruturas com o objetivo de alcançar uma verdade científica, no caso do neodarwinismo essa verdade, com base nas prerrogativas da seleção natural e da evolução das espécies, tem de passar por métodos de verificação e laboratórios, de modo em que sejam elucidativas dentro dos pressupostos de Darwin e também da genética. Esse campo ainda conta com as aspirações dos cientistas, que buscam se sobressair dentro do mesmo, Dawkins, por exemplo, defendendo a teoria da existência de genes imortais entra em conflito com o cenário científico de seu lugar. Co isso, as disputas entre grupos de pensamento em favor de uma legitimidade são também responsáveis por determinar a estrutura de um campo.

O sucesso do primeiro livro faz com que Dawkins acumule dentro de seu campo o que Bourdieu chama de “capital simbólico”. Segundo Bourdieu, a acumulação desse “capital simbólico”, favorece a conservação da posição dos “agentes” dentro da estrutura do campo, o autor diferencia dois tipos de capital científico, apontando para a existência do que seria capital puro e o institucional, o primeiro seria ligado a um prestígio pessoal, enquanto que o segundo estaria vinculado a manobras políticas dentro de uma determinada instituição. Entendemos a figura de Dawkins ligado ao acúmulo de “capital puro”, que é definido por Bourdieu como aspecto inerente ao “carisma” do sujeito, relacionado com suas habilidades pessoais. Exemplo disso é a constatação de Dawkins com relação ao lançamento de seu primeiro livro, que recebeu grande atenção e revisão, mesmo com poucos recursos. (DAWKINS, 2013)

Ao se preocupar em contar, entre outras histórias, a trajetória da escrita de seu primeiro livro, Dawkins estabelece um discurso linear, no qual a troca intelectual era vigente e harmoniosa. Para entendermos essas especificidades do discurso autobiográfico, instrumentalizaremos os apontamentos de Bourdieu (2005). Ao tratar do discurso autobiográfico e também biográfico, Bourdieu chama atenção para esse caráter romanesco, que uma narrativa tem as potencialidades de cristalizar.

A narrativa linear ocorre, de acordo com Bourdieu, a partir de uma prerrogativa de construção de identidade, ou seja, existe a preocupação de pontuar uma identidade, orientada por um determinado campo, com objetivos de acumular capital simbólico. Pensando na narrativa que Dawkins opera no último capítulo de sua autobiografia, é possível entender a consolidação da *persona* enunciada, inclusive, no subtítulo da obra. Ao enfatizar a sua construção enquanto cientista, Dawkins ordena os fatos que corroboram para essa construção, perpassando desde a necessidade de suplementação de uma teoria, até o diálogo com outros cientistas. Assim, a partir de sua narrativa podemos compreender a necessidade de Dawkins de se reafirmar enquanto agente do campo científico, elaborando sua trajetória a fim de confirmar essa constatação.

Em suma, quando Dawkins reporta-se a existência de bases, que foram fundamentais para a construção do *O gene egoísta*, mais do que admitir a apropriação e resignificação de conceitos, Dawkins implícita toda uma rede de conexões, sob as quais as ideias do cientista estão assentadas. Entende-las enquanto parte integrante da “noosfera” é reconhecer o potencial que estas têm de se conectarem umas com as outras a fim de compor um discurso, que como o Dawkins, constrói modos de visão estruturados. A estruturação desses modos de visão, ao ganharem força, a partir da interlocução dos sujeitos, que correspondem a aquelas mesmas ideias, de modo algum isso diz respeito a uma determinação e fixação dos sujeitos, pois estes, sendo dotados de inclinações subjetivas, apropriam-se de ideias e as manuseiam.

Referências:

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. IN: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. orgs. **Usos e abusos da história oral**. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p.183 – 191.

_____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

DAWKINS, Richard. **An appetite for Wonder: The making of scientist**. Inglaterra e Estados Unidos: Ecco Press, 2013.

_____. **Deus, um delírio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MORIN, Edgar. **O método IV: As idéias, habitat, vida, costumes, organização.**
Lisboa: Biblioteca Universitária, 2005